

MONTEIRO LOBATO: A AMÉRICA, PARA OS BRASILEIROS

MONTEIRO LOBATO: AMERICA, FOR THE BRAZILIAN

Thiago Alves Valente (UENP-CP/CRELIT)¹

RESUMO: O escritor Monteiro Lobato (1882-1948) foi importante articulista em jornais de grande circulação, com destaque para sua contribuição em *O Estado de S. Paulo*. Na redação desta empresa jornalística, o escritor integrou-se a um grupo de intelectuais em destaque na primeira metade do século XX, tanto no círculo cultural paulista quanto no sistema jornalístico e literário brasileiro, de modo geral. Neste contexto, o periódico e seu colaborador elegeram os Estados Unidos como modelo a ser seguido por um país subdesenvolvido como o Brasil. É essa convergência de opiniões que permite ao leitor compor uma imagem de América nas páginas de *O Estado*.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, O Estado de S. Paulo, jornalismo.

ABSTRACT: The writer Monteiro Lobato (1882-1948) was important journalist for the great newspapers, it's his contribution to *O Estado de S. Paulo*. In the editorship, the writer integrates an intellectual group in evidence at first half twenty century, as regional circuit as Brazilian circuit. In this context, the news and his writer select USA as a model to a country as Brazil. This aspect offers to reader a image about USA on the *O Estado* pages.

Keywords: Monteiro Lobato, O Estado de S. Paulo, journalism

A intensa experiência do escritor Monteiro Lobato (1882-1948) como editor acabou impedindo-o de se dedicar como gostaria à literatura, afirmava ele em cartas ao amigo Godofredo Rangel, publicadas em *A barca de Gleyre* (1957). Duvide-se disso, porém. Nos anos em que dirigiu os negócios editoriais, continuou a publicar suas obras e, ainda que não tivessem sido escritas naquele momento, a contribuição jornalística desmente o "vazio" que atribuía a si mesmo. Conta ele, em carta de 23 de março de 1920, na referida obra, (1957, p. 215), enviada a Rangel, que estava colaborando com o *Correio da Manhã* e tinha convite de *O Jornal*, "cinquenta mil réis o artigo. Vou custear com as unhas a sucursal da *Revista* aberta no Rio, isto é, com esses artigos. Ontem escrevi dois: as porcas lá da fazenda eram mais felizes: pariam seis, sete leilões de cada vez. Está me renascendo a facilidade antiga, amodorrada por falta de treino". Mesmo na direção de uma editora, Lobato não abandona sua colaboração jornalística, antes prevê a utilização dos lucros advindos da atividade para custear negócios no Rio de Janeiro.

¹ Professor Assistente do Centro de Letras, Jornalismo e Arte da Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus de Cornélio Procopio. É membro do grupo de pesquisa Crítica e Recepção Literária (CRELIT). Doutorando na área de "Literatura e vida social", pela UNESP-Assis-SP.

Mas Lobato vive num imenso tartarugal. Sua ida aos Estados Unidos seria marcante tanto como experiência de vida pessoal, quanto profissional. No entanto, ventos yankes sopravam em direção ao sul, e em seus periódicos, bem antes da década de 30. Tal como em diversas outras questões, percebe-se entre Lobato e *O Estado de S. Paulo*, jornal para o qual colaborou “oficialmente” a partir de 1913 – antes sua contribuição se dava como tradutor de artigos do *Times* – uma afinidade de pontos de vista importante para se compreender a aproximação da imprensa brasileira com a americana.

O literato profissionalizado certamente veria nos Estados Unidos da América um modelo a seguir. Observar os números do jornalismo americano e viver nas agruras de um país ainda em transição para uma economia industrializada era a contradição vivida por aqueles que realmente liam os jornais americanos. Essa situação certamente levava os profissionais da imprensa, no Brasil, a olharem com expectativas para o modelo americano.

Em extensa matéria de 03 de março de 1920, intitulada “O idealismo americano”, percebe-se o posicionamento do jornal quanto à imagem dos Estados Unidos no Brasil. É importante notar que “posicionamento do jornal” justifica-se pela recorrência das matérias sobre questões americanas que aparecem nas páginas de *O Estado* nas primeiras décadas do século XX. Não seria temeroso afirmar que, tal como esta matéria, os textos publicados pelo periódico tinham a função quase didática de ensinar à população brasileira coisas de um povo mais avançado.

Assinado por Mário Pinto Serva e publicado na quarta página do jornal, o autor inicia o artigo partindo de uma premissa do senso comum brasileiro: “é comum no Brasil ouvir-se que os Estados Unidos constituem uma civilização material, despida de qualquer idealismo”, lançando ao leitor questionamentos: “Não haverá injustiça em desconhecer-se assim em globo toda a vida moral, todo o colossal trabalho e aplicação de um povo? Não haverá injustiça em negar-se a milhões de entes, feitos da mesma massa que nós, a mínima parcela do ideal?”. Na sequência, o autor conduz o raciocínio por reflexões que fogem à especificidade da relação entre Brasil e Estados Unidos, tocando em pontos filosóficos e, por que não, existenciais: “Os homens e as nações nunca se fazem justiça entre si. Cada indivíduo e cada nação têm em si todo um mundo de idéias, de concepções e de aspirações que os outros ignoram ou nem sequer suspeitam. Cada um de nós tem o seu idealismo”, idealismo que é descrito mediante conceitos positivistas, “isto é, uma concepção superior da vida que assenta na nossa visão do mundo e na capacidade de nossas faculdades de abstração e de raciocínio. E é uma ingenuidade infantil cada um de nós individualmente pensar que é mais idealista que os outros ou atribuir a sua Pátria mais idealismo que a dos outros”. Tenta-se desconstruir mais um pouco o preconceito nacional contra o norte-americano: “Negar o idealismo a alguém equivaleria a negar-lhe a qualidade de homem normal ou

seria o mesmo que afirmar não possuir esse alguém um cérebro. A concepção do idealismo pode ser muito diversa de um para outro povo, mas não pode deixar de existir". Resumindo, "por isso constitui uma grande injustiça afirmar-se que a civilização americana é exclusivamente material como se essas duas palavras não se repelissem entre si" (p.04).

As colocações de Serva condizem com um jornal que busca se modernizar e progredir, bem como o ideário que o sustenta: desenvolvimento para o Estado de São Paulo e para o Brasil. Em questão de desenvolvimento, progresso, os Estados Unidos constituem um paradigma. Feito o vínculo entre desenvolvimento material e condição espiritual, o autor mostra-se convictamente positivista quanto aos caminhos trilhados pelas civilizações. Se a choça do café mostra suas concepções de mundo, bem como os monumentos, o aspecto urbano de Paris dá a medida do desenvolvimento daquele povo. Isso aplicado aos americanos leva a deduções opostas ao materialismo e à frieza, uma vez que sem progresso moral e intelectual não haveria progresso material, argumenta o autor. A inteligência de um povo se mede também pela capacidade demonstrada em atingir objetivos legítimos como o desenvolvimento do bem estar da população. Características marcantes na sociedade americana, pelo menos é o que idealizava o articulista.

Primeiro, comparar com Roma; depois, com Grécia. O lugar ocupado pelos Estados Unidos, nas palavras de Serva, é o espaço do ápice da civilização, ou melhor, da evolução da espécie. Por isso, os americanos servem de modelo para o Brasil, e a comparação é apropriada numa cultura marcada pela ilustração ibérica: postos frente a frente, brasileiros têm talentos individuais (de caráter meramente artístico); americanos têm talentos coletivos (de caráter exaltadamente científico). Assim, no dia em que os brasileiros decuplicassem a exportação do país, o sistema ferroviário, o desenvolvimento urbano, todo o aparelhamento externo e material, estaria na mesma proporção em termos de inteligência, do vizinho do norte. E finaliza: "Uma obra literária demonstra uma grande inteligência individual. Mas um grande aparelhamento de civilização material denota o desenvolvimento coletivo e harmônico de todas as inteligências", exemplo que merece ser transcrito por elucidar apropriadamente a passagem da valorização do literário para o técnico-científico nas páginas da imprensa.

Na seqüência, Serva expõe ao leitor como a idéia de "materialismo americano" é falaciosa, uma vez que o desenvolvimento material e científico permite aos Estados Unidos suprir as necessidades de seu povo como nenhuma outra nação jamais fizera. "A grandeza do idealismo americano revela-se integralmente na sua dedicação às gerações novas, no conjunto inigualável das instituições que esculpem o psíquico, o moral e o intelectual das gerações novas", isto é, afirmar que a civilização americana é materialista, é algo "incientífico" – destaque-se o termo – porque levaria ao falso julgamento de que se constituiriam como povo degenerado. Mesmo o

senso comum repeliria qualquer coisa do gênero. “O idealismo americano, maduramente considerados os fatos, é na verdade superior ao de qualquer outro povo”. Modelo a seguir, embora não seja assim colocado: “Não invejemos a riqueza e a prosperidade dos americanos; admiremos lealmente a inteligência, o esforço e o trabalho ciclópico que foram indispensáveis para produzir essa riqueza e essa prosperidade”.

Estaria o leitor do *Estado* apresentado aos Estados Unidos, país dos mais idealistas porque procurou suprir as necessidades de seu povo. Por serem idealistas, mais que qualquer outra nação, desejam realizar o idealismo da forma mais perfeita na face da terra, sendo injustamente acusados, inclusive pelos brasileiros, de materialismo grosseiro. “Eles não só conceberam um grande ideal, como fizeram melhor: puseram mãos à obra, com espírito claro, com fim definido laboriosamente, sem medo. E levantaram apenas a maior nação que o mundo jamais viu”. Conclui pontualmente: “O conjunto das instituições intelectuais, cívicas, culturais, científicas, educativas, filantrópicas, altruístas, humanitárias, higiênicas, existentes nos Estados Unidos, é o maior que jamais houve em qualquer país do mundo”.

Se não é para o Brasil dos jecas e coronéis ter inveja, é impossível que tanta exaltação não queira inculcar no leitor um desejo de ser semelhante. Nega-se, pois, o vetor europeu e redireciona-se o modelo para uma sociedade “prática”, um povo de realizações: “Todo idealismo, que não for ideologia abstrata ou metafísica, deve consistir na visão de uma humanidade melhor”, uma humanidade sem vícios, defeitos, falhas, uma organização evoluída, que renegue aquilo que a rebaixa, avilta e deprime sua vida espiritual, moral e psíquica. Os americanos estariam contribuindo para esse estado de coisas, um povo que se aproxima do ideal sonhado pela humanidade ao longo de sua peregrinação. “Os americanos alcançaram o máximo de desenvolvimento intelectual, de potência nacional, de saúde, de eliminação de vícios, de bem estar físico. Na América do Norte a humanidade refez-se e virilizou-se livre completamente dos preconceitos que afetam a civilização do Velho Mundo”.

Negar o Velho Mundo não era praxe entre os intelectuais do final do século XIX e começo do século XX. Serva registra seu engajamento liberal e democrático, atribuindo aos Estados Unidos a honra de herói no desenlace da Primeira Guerra Mundial, apontando à civilização ocidental a necessidade de reconhecer o maior dos serviços que lhe foi prestado, qual seja, a participação decisiva que livrou o mundo da autocracia prussiana. Enfim, “todo idealismo que não vise a realização do bem humano, que não seja a concepção de um futuro melhor para a espécie, não passa de concepção doentia de cérebro anormal”.

“Um futuro melhor para a espécie”, o positivismo do autor está plenamente coerente com o ideário cientificista de *O Estado*. É no norte, assim, que a raça humana alcançou o topo da

evolução, ainda que a perfeição seja impossível: "Não há na América do Norte divisões intransponíveis entre as classes, atingiu-se o máximo possível de igualdade entre os homens, o aumento do bem estar dos humildes foi uma missão alcançada". Os Estados Unidos, pois, estariam oferecendo um espetáculo de desenvolvimento ao mundo. Ninguém poderia negar aos americanos as mais poderosas faculdades mentais e as características de grande e nobre nação. Uma democracia de traficantes, ressaltava o crítico, não poderia originar algo tão grande, como não se preocuparia em salvar a democracia universal; o que só foi possível graças a um perfeito espírito de disciplina, organização, coesão e consciência patriótica. Elementos raros no Brasil, concluiria o leitor, ainda que o autor não registre explicitamente a expressão.

Repete-se: o idealismo é superior ao de qualquer outra nação. É o mais altruísta, e assim é porque representa o maior desprendimento do indivíduo em bem da espécie. Enfim: "O altruísmo é a expressão mais elevada da civilização. Existe mais altruísmo onde melhor se curaram as misérias humanas e onde se conseguiu na generalização formar o tipo mais forte e sadio da raça".

Sem dúvida, percebe-se que o altruísmo americano merece ser alçado como modelo porque o assistencialismo é a outra face da busca pessoal pelo sucesso. Quando este não ocorre, o Estado vem ao encontro do indivíduo para que este possa encontrar outra possibilidade. A máxima expressão da igualdade, pois, não está no ser "igual a todos", mas em ter a mesma possibilidade mínima de conquistar uma condição de bem estar para todos, formando-se o "tipo mais forte e sadio da raça".

Finalizando, opõe-se a tradição discursiva do Brasil à capacidade laboriosa dos Estados Unidos, afirmando que "as grandes civilizações não são as que se caracterizam pela declamação mas as que se demonstram nas realizações. A capacidade verbal não pode constituir o fim de uma civilização", e sim, como seu fim último "a formação de indivíduos fortes e belos, física, moral e mentalmente. Foi o que os americanos realizaram mais que qualquer outro povo", em termos científicos da época, "o melhoramento do tipo da raça, sob todos os pontos de vista, eis o que lhes se propõem acima de tudo. Não há obra d'arte que equivalha a um homem belo, forte, generoso e inteligente".

Se o articulista já apresentara tudo ao que se propunha, parece que isso não bastaria para convencer o receptor da mensagem. Era importante frisar ao leitor brasileiro, este que somente reconhecia a importância da França, o valor americano: "O intelectualismo americano faz do homem a obra de arte em que ele põe todo o seu carinho e em que ele emprega todo o seu esforço. E todo intelectualismo e todo idealismo que não puser o seu fim último nesse alvo — é falso, é a fermentação doentia de um cérebro em funcionamento anormal". A metáfora biológica

continua a ser empregada: "Se quisermos construir mentalmente uma nacionalidade de super-homens o seu tipo não poderia diferir do que apresentam os americanos". O modelo está dado, somente aqueles que sofram de um "estrabismo intelectual completo" não aceitarão os fatos. "No mais puro idealismo brasileiro, nós sonhamos e aspiramos pela formação no futuro Brasil de uma raça inteira forte, bela, instruída e generosa, ideal esse que não se distancia nem se diferencia daquilo a que já atingiram os americanos do norte".

Ou seja: não há escolha. No caminho da evolução, ou se busca a perfeição americana, ou se mantém no limbo do subdesenvolvimento, no nível do sub-racial. A América é a evolução das civilizações, o lugar destinado aos homens que, com democracia, trabalho e ciência, lá inevitavelmente chegarão. Pensamento que se apresenta no entusiasmo de Monteiro Lobato pelos Estados Unidos, como se percebe nos registros de sua viagem realizada em 1927.

Mas as relações com os americanos, obviamente, começaram bem antes. Como data emblemática, 1913, ano do primeiro artigo de Lobato em *O Estado de S. Paulo* (30/10), em 26 de outubro o jornal estampa em primeira página matéria sobre Theodor Roosevelt, que visitava o Brasil. O texto, assinado por Oliveira Lima, inicia-se, como era comum, não pela informação concisa, mas por considerações a respeito do visitante: "O hóspede que o Rio de Janeiro acolhe e festeja neste momento é um homem de reputação mundial, seja ou não um grande homem. Creio que nenhum qualificativo lhe assenta melhor e lhe agrada mais do que este – 'um homem'".

A dubiedade da personalidade, sua impetuosidade, leva Lima, cujo texto é datado como de 20 de outubro, a apresentar Roosevelt de modo mais "humano", evitando-se o louvor excessivo e o julgamento radical. Num primeiro momento, os termos acenam para um texto de caráter mais laudatório: "Como 'cowboy' fez ele a guerra de Cuba; como 'cowboy' subiu à presidência e a exerceu; como 'cowboy' anda a percorrer os sertões africanos e sul-americanos, entre duas conferências de moral cristã, ou dois discursos de crítica política, ou dois artigos de sociologia imperialista"; porém, as ponderações não tardam: "O seu temperamento impulsivo serviu Roosevelt em muitas ocasiões da sua vida política, como em outras o terá desservido: acabou por enervar parte do povo americano. As surpresas são gratas, contanto que se não repitam com demasiada freqüência", afinal, "ninguém está para viver de alarmes, e com o sr. Roosevelt na presidência ninguém podia estar certo do que aconteceria no dia seguinte".

Efetivamente, Oliveira Lima não se furta ao papel de crítico: "Desse oportunismo político nascem necessariamente contradições aparentes. Instigador ardoroso da guerra contra a Espanha, quando se achavam contados os dias do domínio espanhol nas Antilhas, apologista convencido da guerra", Roosevelt iria se apresentar como mediador entre Rússia e Japão, quando estes já estavam exauridos, para uma conciliação. Por esse motivo recebera "esporas de cavaleiro da paz,

que nunca foram concedidas ao Imperador Guilherme da Alemanha, o qual nunca empreendeu uma guerra e mais de uma vez se tem batido para evitá-la". Concluindo, já na terceira coluna da primeira página, Lima afirma que o ex-presidente bafejava com toda força o imperialismo, alma da nacionalidade americana ao que ele não poderia se furtar. Com jargão biológico finaliza: "É que não é somente uma questão espiritual: é uma questão de apetite, e a dieta não se inventou para os de boa saúde. Ora, os Estados Unidos estão no período da mocidade, quando o apetite é a lei suprema da vida".

A visita se daria em 27 de outubro do mesmo ano, como se lê na segunda página do jornal: "S. Paulo hospedará hoje, por algumas horas, o sr. Theodoro Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos da América do Norte". Ao contrário do artigo de Oliveira Lima, o texto concomitante à visita tem um tom bem mais empolgado em relação ao americano, o que também se justifica pela vontade de comparar o que lá se fazia e o que no Brasil se passava: "É verdade que a feição combativa do seu espírito e dos seus gestos lhe criou a reputação de homem violento e apaixonado, tenaz e implacável. Mas é uma reputação imerecida. O amor à luta é nele apenas uma forma do amor à justiça", e no caso de Roosevelt, "o homem justo sabe tomar a tempo, ainda no mais aceso da peleja, o caminho que afasta da paixão e da violência".

Conclui-se que "por mais de uma razão, ele é um homem que devemos acolher não só com a simpatia a que tem direito todas as individualidades notáveis, mas também com a discreta curiosidade que deve provocar aquele que, na sua vida, e nas suas palavras, nos traz um tesouro de ensinamentos preciosos". Ao final, percebe-se ser esta uma saudação de *O Estado*, ou seja, a voz oficial do jornal: "O 'Estado de S. Paulo' saúda com respeitosa cordialidade o grande cidadão da grande república americana".

Mas o jornal não ficaria somente fazendo de sua voz a voz do ex-presidente. Em 27 de outubro, transcreve-se o artigo traduzido na terceira página com o título "Caráter e civilização", conferência proferida no hall do Jardim da Infância, informa *O Estado*. Afirmava Roosevelt que era "singularmente árduo o trabalho de conquistar um novo continente", raros os homens que suportavam a tarefa. Incumbia-lhes, pois, "o dever de uma contínua vigilância" para não perderem a menor parcela da própria herança na civilização do mundo e, no caso de perdê-la, poder recobrá-la imediatamente. O conceito de valores de Roosevelt muito se aproxima da idéia de eficiência americana, bem como de diretrizes empreendedoras, como frisa no discurso: "Por caráter, entendo a soma de qualidades, distintas das qualidades intelectuais, que são indispensáveis à eficiência moral", sejam elas pois "a coragem, a energia, o domínio de si próprio, aliado à intrepidez em tomar iniciativa e assumir responsabilidades, e um justo respeito pelos

direitos alheios, juntamente com uma inflexível determinação de vencer na luta, sejam quais forem os obstáculos e barreiras a superar”.

Ao final da conferência, ressalta-se novamente o esforço individual como motor necessário ao desenvolvimento de uma nação: “Não pode o Estado prosperar, sem que a maioria de seus cidadãos sejam capazes de tomar conta de si mesmos, e sem que cada homem compreenda que, além de tomar cuidado de si próprio, deve também cooperar com os seus concidadãos em promover os interesses vitais da sociedade”. As idéias, porém, devem se concretizar por meio dos atos: “Deve haver ideal, e deve também haver o senso prático, sem o qual o ideal se perde. Precisamos de corpos sãos e de mente sã em corpo são; mas, acima do corpo e da mente, está o caráter, em cuja composição entram muitos elementos, mas principalmente estes três”, como quer o conferencista, “coragem, honestidade e senso comum”. Assim, se o comum dos cidadãos, homens e mulheres, têm caráter, o futuro da pátria está garantido. Caso contrário, “se lhes falta a vontade e a capacidade de serem fiéis ao bem comum, então nenhum fulgor mental, nenhuma prosperidade material poderá salvar a pátria da destruição”. Certamente o discurso ecoou entre a sociedade letrada, mesmo num país “tartarugal” como o Brasil, nos termos de Lobato.

Para arrematar a visita ilustre, Euclides da Cunha, no dia posterior, 28 de outubro, escreve “O ideal americano”. Inicia o texto publicado à terceira página abordando o estilo da escrita do ex-presidente, do qual o último livro tinha exatamente o título da matéria de Euclides. “Roosevelt é um estilista medíocre. A frase adelgaçara-se-lhe no distendido de uns períodos oratórios, cheios de incidentes intermináveis e rematados pela simulcadência inatural das mesmas idéias repisadas”. É, assim, “o grande repetidor da filosofia contemporânea, Nada diz de novo”, porém, “diz tudo de útil”. Pelas idéias do americano, o escritor brasileiro vai apontando a importância de ler a obra. Recomendação que não vale por si mesma, mas como contraponto ao que se dava em sua terra natal: “O ‘Ideal Americano’ não é um livro para os Estados Unidos, é um livro para o Brasil”. Isso porque “os nossos homens públicos devem – com diurna e noturna mão – versá-lo e decorar-lhe as linhas mais incisivas, como os arquitetos decoram as fórmulas empíricas da resistência dos materiais”. Um compêndio de virilidade social e de honra política que deve ensinar aos brasileiros que, na modernidade, os países que não se fortalecerem com essas virtudes poderão ser subjugados por raças superiores.

Apesar dos seus próprios problemas sociais, um país que passara de uma república mercantilista liberal para uma democracia de mercado igualitária acenava para os vizinhos do sul o que deveria acontecer se os caminhos do empreendedorismo americano fossem seguidos. A profissionalização do jornalista brasileiro, atrasado em relação ao americano, se faz já em meio à

formação de corporações e agências de notícias. É assim que em 1926, Rangel Pestana está nos Estados Unidos para o Primeiro Congresso Panamericano de Jornalistas, contando com quatorze representantes brasileiros, entre eles Gilberto Freire em nome do *Diário de Pernambuco*, Herbert Moses, de *O Globo*. Liberdade de imprensa relaciona-se à liberdade de mercado. Se ainda a fase era de ajustes para o surgimento de agências mais produtivas e informações mais rápidas, as estratégias de mercado mostravam-se abertas e sem nenhum pudor em *O Estado de S. Paulo*.

Para cativar o público da pequena São Paulo, oferecer prêmios em dinheiro foi uma estratégia tipicamente comercial, admitida pelo artigo publicado em 04 de janeiro de 1914, na primeira página, como estratégia "yankee": "Tal recurso, conservado sempre e ampliado depois, já havia sido posto em prática por Luiz Barbosa, quando dirigiu a "República", do Rio, onde inaugurou os processos da imprensa européia e 'yankee'".

Essa diversidade de estilos não teria vida longa nos jornais, uma vez que a busca por padrões no jornalismo abria as portas do Brasil para o jeito de escrever americano, o lide, a objetividade, a informatividade por meio de uma escrita simples, direta, sem muitas reflexões na notícia. O editorial, espaço de reflexões mais apuradas, teria um lugar restrito como outras seções do jornal, evitando-se, assim, o caráter mais ensaístico, herdado da literatura, que era comum no jornalismo brasileiro.

Em matéria publicada em 05 de fevereiro de 1919, na quinta página, *O Estado* traz ao leitor a grandeza do jornalismo americano e sua forma de funcionar. Intitulado "Os jornais e o seu público", o texto divide-se em "A imprensa 'yankee'" e "A imprensa no Japão"; de ambos os países, destacam-se dados referentes à história e tiragem dos periódicos. Sobre os Estados Unidos, comenta-se que os jornais ali são muito mais lidos que em outros países. Descreve o ato da leitura como algo cotidiano para a média dos americanos – "Da manhã, cedo, os homens e mulheres que vão ao trabalho — percorrendo longos trechos em bonde ou estrada de ferro, para alcançar o seu escritório ou oficina, devoram com avidez as notícias que possam ter qualquer interesse especial". Segundo a matéria, era justamente isso que contribuía para a variedade da imprensa na América do Norte, criando jornais volumosos e realmente fazendo circular assuntos caleidoscópicos.

Os diretores dos jornais compreendem bem como se deve agir nos negócios, "compreendem a psicologia e querendo alcançar máxima extensão, procuram contentar quanto possível os gostos". Para espanto do brasileiro, esclarece o texto que "para dar uma idéia da popularidade dos jornais de Nova York basta dizer que o 'New York Times' vende 818.274 números diariamente", acrescentando dados do *Tribune*, *New York American*, entre outros, e enfatizando que "quase todos esses jornais fazem edições da tarde. O 'Evening Journal' vende

782.000 números todas as tardes; o 'Evening World', 403.787; o 'Evening Sun', 140.303; o 'Evening Mail', 143.965; o 'Globe', 183.194; o 'Evening Telegam', 223.848". Enfim, conclui o texto que todos esses periódicos são publicados em Nova York – explica-se, então, que a metrópole está situada numa península entre dois rios, e além deles existem outras cidades, onde outros jornais espalham todos os dias notícias e idéias de toda espécie. "Existem numerosos e popularíssimos periódicos bissemanais, trissemanais, semanais, quinzenais, mensais. Uma estatística aproximada dá a formidável quantidade de papel impresso que circula habitualmente nos Estados Unidos — 23.613 periódicos são ali publicados".

Dois valores formam a espinha dorsal do modelo americano: liberdade de imprensa e objetividade. Essa assertiva leva o jornalismo brasileiro, notadamente *O Estado*, neste caso, a fomentar modificações necessárias não só para ser uma empresa nos moldes americanos, mas também, e possivelmente sobretudo, fazer do seu país um seguidor do *american life*.

Quando Washington Luís assume a presidência da república, sucedendo Bernardes, Lobato não se manifesta efusivamente, nem pede para ser admitido junto ao governo. Continua, porém, a fazer críticas, fosse enaltecendo o restabelecimento das audiências públicas, fosse fazendo ferinas alusões à imoralidade administrativas. Próximo da presidência, embora não participando da vida política partidária, tinha amigos como Alarico Silveira dentro da atual administração. Enfim, em 1927 recebe o convite.

Ao aceitá-lo, iria embarcar não só para um trabalho político de interesse nacional, como Lobato acreditava. Embora a prática demonstrasse que os adidos faziam mais parte das relações pró-forma da administração brasileira que ativos funcionários públicos em busca de captação de recursos, ele iria ver, apalpar, sentir a vida americana tal como desejava. As comparações com o modelo brasileiro seriam decorrência natural dessa experiência.

Abordar grandes causas pelos jornais seria um modo de lutar também pelo carvão e, depois, pelo petróleo. Lobato voltaria dos Estados Unidos imbuído firmemente de concretizar idéias desenvolvimentistas para o Brasil. Se o primeiro grande problema da indústria nacional era o carvão, combustível básico para o desenvolvimento industrial, o segundo grande problema era o combustível para fazer o transporte funcionar. Em 1935, pelo *Diário de São Paulo*, Lobato retoma o que considerava uma promissora operação comercial abortada: fechar negócio para implantar o hábito de se tomar café na Rússia tendo, em troca, acesso aos recursos do subsolo russo. A recusa do governo brasileiro em participar do negócio se deu pelo silêncio.

Lobato iria divulgar suas idéias somente após retornar ao Brasil e ver todos os caminhos oficiais fechados para seus projetos. Tomando, então, sobre si a responsabilidade de dar ferro aos

brasileiros mediante uma atuação empresarial; resolve fundar uma empresa metalúrgica. Havia chegado o momento de vir a público por meio dos jornais. Porém, o debate não aconteceu.

A luta que se trava pelo ferro e pelo petróleo deveria ter na imprensa o veículo apropriado para a almejada sensibilização nacional. *O escândalo do petróleo e ferro*, de 1936, traz um conjunto de textos, incluindo artigos, que relatam o embate entre a visão empresarial lobatiana e os entraves postos pela cúpula política brasileira. No capítulo "Retrospecto", a seção "Outros países" apresenta dados sobre outras nações em que se encontrara petróleo. Embora amordaçada pelo Estado Novo, a imprensa preocupa os dirigentes políticos que, ao perceberem a evidência de petróleo propiciada pelo empreendimento da sociedade formada sob a direção de Lobato, vêm aos jornais para se justificar perante a opinião pública: "no dia seguinte à chegada ao Rio do telegrama comunicando o feliz resultado das provas em Riacho Doce, o chefe supremo surge na primeira página d' O GLOBO. Nega a pés juntos. Jura que é mentira", como se lê em *O escândalo do petróleo e o ferro* (1957, p. 43).

Mas, isto, já é outra história. História que pode demonstrar como as idéias americanas se fizeram presentes nas idéias lobatianas, saltando do plano da abstração para realizações de quem não se conformava com o estado de seu país diante do gigante do norte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1957. V. 1 e 2.
- LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo e ferro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- O ESTADO DE S. PAULO. 1913 a 1930. Microfilme.